



## ORIENTE MÉDIO

Ibrahim Amro/AFP



Fumaça se ergue após bombardeios israelenses a área xiita de Beirute: 20 ataques em dois minutos

Ibrahim Amro/AFP



Homem caminha em meio a prédios destruídos, no bairro de Tayouneh, no sul da capital libanesa

Jalaa Marey/AFP



Soldado israelense se senta sobre um tanque estacionado perto da fronteira, na Alta Galileia

X/Reprodução



Premiê Benjamin Netanyahu discursa na TV: ameaça de utilização da força, em caso de violação da trégua

# Foco no Irã e em Gaza

Cessar-fogo no Líbano permitirá a Israel se concentrar na "ameaça iraniana" e isolar o grupo terrorista palestino Hamas. Netanyahu promete contra-atacar, caso o Hezbollah viole acordo. Presidentes Biden e Macron celebram medida

» RODRIGO CRAVEIRO

Atta Kenare/AFP



Mural em Teerã com as imagens de Netanyahu e do ex-ministro da Defesa Yoav Gallant atrás das grades: "Criminosos procurados"

Depois de Israel bombardear 20 locais de Beirute em um intervalo de dois minutos, o gabinete de segurança do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu aprovou um acordo de cessar-fogo no Líbano, por 10 votos a um. A trégua começaria às 23h de ontem (4h de hoje no horário local). O premiê explicou que aceitou a suspensão dos combates por três motivos. "A razão do cessar-fogo é para nos concentrarmos na ameaça iraniana, e não vou entrar em detalhes sobre isso. Também para renovar e reabastecer as nossas tropas e isolar o (grupo terrorista palestino) Hamas", declarou Netanyahu, em rede nacional de televisão.

O acordo entre Israel e o movimento fundamentalista xiita libanesa Hezbollah foi mediado pelos Estados Unidos e pela França. A três horas do início do cessar-fogo, a milícia libanesa anunciou o lançamento de drones contra "alvos militares sensíveis", em Tel Aviv.

O chefe de governo de Israel explicou que a duração da trégua dependerá "do que acontecer no Líbano" e ressaltou que seu país terá "liberdade de ação total" em território libanês. "Se o Hezbollah violar o acordo e tentar se rearmar, atacaremos", avisou. O acordo de cessar-fogo prevê a interrupção das hostilidades por 60 dias. Nesse intervalo, o Hezbollah e as Forças de Defesa de Israel (IDF) removeriam seus combatentes do sul do Líbano para permitir que o Exército libanês monitore a segurança da região. Um comitê internacional supervisionará a implementação do plano. Em 416 dias de guerra, 3.823 pessoas foram mortas e 15.859 ficaram feridas, segundo o Ministério da Saúde libanês.

Em nota conjunta, os presidentes Joe Biden (EUA) e Emmanuel Macron (França) destacaram que o cessar-fogo "protegerá Israel da ameaça do Hezbollah e

de outras organizações terroristas operando no Líbano" e "criará as condições para restaurar a calma duradoura, além de permitir aos moradores de ambos países o retorno em segurança às suas casas". Os dois líderes se comprometeram a "trabalhar com Israel e com o Líbano para que o acordo seja totalmente implementado e executado". Também anunciaram que vão "liderar e apoiar os esforços internacionais para a capacitação das Forças Armadas libanesas, bem como o desenvolvimento econômico em todo o Líbano".

Em pronunciamento nos

jardins da Casa Branca, Biden enviou um recado ao movimento xiita libanês. "Se o Hezbollah ou qualquer outra pessoa quebrar o acordo e representar uma ameaça direta, Israel tem o direito à autodefesa, consistente com o direito internacional — assim como qualquer país, ao enfrentar um grupo terrorista comprometido com a destruição."

Biden admitiu que a população da Faixa de Gaza "passou por um inferno, seus mundos foram completamente destruídos". "O Hamas tem uma escolha a fazer. A única saída é libertar os reféns, incluindo os cidadãos

americanos", disse. Ele revelou que os EUA, com Egito e Catar, farão um novo esforço por um cessar-fogo também no território palestino.

### Estabilidade regional

O primeiro-ministro libanês, Nayib Mikati, afirmou que o acordo entre Israel e o Hezbollah representa um "passo fundamental" para a estabilidade regional. Ele agradeceu aos EUA e à França e indicou que o governo do Líbano se compromete a "fortalecer a presença do Exército no sul do país", um bastião do Hezbollah.

Trita Parsi, vice-presidente do Instituto Quincy (em Washington), afirmou ao **Correio** que a ideia de que Netanyahu concorda com um cessar-fogo com o objetivo de mudar o foco para o Irã é "muito pouco convincente". "Isso soa mais como uma manobra do premiê israelense para parecer 'durão', ante o fato de concordar com uma pausa nos combates mesmo sem ter alcançado muitos de seus objetivos no Líbano", explicou. O especialista acredita que Teerã pressionou o Hezbollah, seu aliado, a concordar com os termos do cessar-fogo.

### Eu acho...

Arquivo pessoal



"Um cessar-fogo que ponha fim ao bombardeio indiscriminado do Líbano é bem-vindo e esperado. Se o governo

Biden tivesse exercido a sua influência e priorizado os interesses dos EUA, este conflito nunca teria atingido este patamar. Ironicamente, embora o acordo tenha sido alcançado durante o mandato de Biden, as partes no conflito parecem tê-lo concordado principalmente tendo em conta o desejo expresso de Donald Trump de ver o conflito terminar antes de ele tomar posse, em janeiro."

Trita Parsi, vice-presidente do Instituto Quincy em Washington

"O regime iraniano teve várias razões para fazer isso. Ele se opunha à expansão do conflito desde o início, pois enfrenta desafios em casa. Além disso, o momento da guerra no Líbano convém muito mais a Israel do que ao Irã", disse. De acordo com Parsi, a trégua pode ser vista como um presente para Donald Trump, no sentido de que Teerã sinalizaria o desejo de chegar a um acordo com os EUA.

Morada do campo de refugiados de Mar Elias, no sudoeste de Beirute, Maha (ela não quis ter o sobrenome divulgado), 32 anos, disse ao **Correio** que está "cansada de toda essa situação". "Israel comete crimes todos os dias, e o mundo deveria parar de apoiá-lo. Hoje, a aviação israelense atingiu locais não relacionados ao Hezbollah, o que mostra a brutalidade de Israel", afirmou. Às 20h58 (15h58 em Brasília), enquanto falava à reportagem, Maha contou que escutava o som das bombas. "É um sentimento terrível. Tememos que algo ocorra com nossa família."

## CHILE

# Boric nega denúncia de assédio sexual

O presidente do Chile, Gabriel Boric, enfrenta uma denúncia de suposto assédio sexual cometido contra uma mulher há uma década, que ele nega "categoricamente", informou sua defesa. Os acontecimentos remontam a julho de 2013, quando Boric — na época com 27 anos — cursava direito na cidade de Punta Arenas, extremo sul do Chile. Um ano depois, ele foi eleito deputado pela região.

Foi lá que conheceu a mulher que o acusa de assédio sexual e divulgação de material íntimo, segundo uma denúncia apresentada em 6 de setembro.

O advogado de defesa do presidente, Jonatan Valenzuela, afirmou que foi o presidente Boric quem foi assediado com o envio de dezenas de e-mails, um deles com imagens "explícitas". "O presidente que é a vítima de uma situação de assédio sistemático por meio do envio de e-mails", disse Valenzuela.

Segundo o advogado, os e-mails foram entregues ao Ministério Público e "são claramente esclarecedores" da situação de assédio de que Boric diz ser vítima. "O presidente rejeita e nega categoricamente o conteúdo desta denúncia", acrescentou Valenzuela.

Ludovic Marin/AFP



Gabriel Boric é acusado por um caso que remontaria a julho de 2013

### "Sem fundamento"

A denúncia foi divulgada na noite de segunda-feira por meio de um comunicado oficial da Presidência chilena. Segundo o advogado, a equipe jurídica do presidente tomou conhecimento da ação judicial por meio da revisão periódica de eventos que possam ter relevância nas diversas esferas públicas e decidiu torná-la pública.

Cristián Crisosto, chefe do Ministério Público de Magallanes, de onde é o presidente, afirmou que "existe um processo criminal relacionado com os fatos indicados". Uma equipe especial

do Ministério Público está a cargo da investigação, acrescentou o procurador Crisosto, que se absteve de dar mais detalhes do caso sob reserva.

A defesa do presidente chileno, de 38 anos, afirma que a mulher "apresentou uma denúncia sem qualquer fundamento". "Meu cliente nunca teve um relacionamento afetivo ou amigável com ela e eles não têm comunicação desde julho de 2014", acrescentou Valenzuela. Boric, que em 2026 completará seu mandato de quatro anos sem direito à reeleição imediata, tem foro especial e, para ser investigado, a Justiça precisa primeiro aprovar um julgamento sobre a imunidade.